Os pobres no livro de Jó: da teologia da retribuição para a economia de retribuição

The poor in the book of Job: from theology of retribution to the economy of retribution

Los pobres en el libro de Job: de la teología de la retribución a la economía de retribución

Jovanir Lage*

RESUMO

O livro de Jó é um texto que propõe um conjunto de discussão para além de Israel e de seu povo. É um texto sempre atual e pujante, que questiona as doutrinas estabelecidas, colocando em destaque o tema da justiça, do sofrimento e da religião. Neste sentido, sua leitura deve ser inspiradora para uma teologia que pretende ir além da lógica e dos princípios estabelecidos. O presente estudo, exalta, portanto, uma teologia que se desenvolve na prática do sofrimento e tenta ressignificar a dor, sem o peso dos sacrifícios que mantêm vivos os esquemas de retribuição em troca do silêncio e da conformação. O Jó que apresentamos aqui, se redescobre na relação com Deus e não nas relações de troca.

Palavras chave: Retribuição; subversão; Jó; pobres; economia.

ABSTRACT

The book of Job is a text that proposes a set of discussion beyond Israel and its people. It is an ever current and powerful text that questions the established doctrines, highlighting the theme of justice, suffering and religion. In this sense, his reading should be inspiring for a theology that intends to go beyond the logic and established principles. The present study thus extols a theology that develops in the practice of suffering and attempts to re-signify pain without the weight of the sacrifices that keep the schemes of retribution alive in exchange for silence and conformation. The Job we present here is rediscovered in the relationship with God and not in the relations of exchange.

Keywords: Retribution; subversion; Job; poor; economy.

RESUMEN

El libro de Job es un texto que propone un conjunto de discusión más allá de Israel y de su pueblo. Es un texto siempre actual y pujante, que cuestiona las doctrinas establecidas, poniendo de relieve el tema de la justicia, del sufrimiento y de la religión. En este sentido, su lectura debe ser inspiradora para una teología que pretende ir más allá de la lógica y de los principios establecidos. El presente estudio, exalta, por lo tanto, una teología que se desarrolla en la práctica del sufrimiento e intenta ressignificar el dolor, sin el peso de los sacrificios que mantienen vivos los esquemas de retribución a cambio del silencio y la conformación. El Job que presentamos aquí, se redescubre en la relación con Dios y no en las relaciones de intercambio.

Palabras clave: Retribución; subversión; trabajo; pobres; economía.

* Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Bolsista CAPES.
E-mail: jovarob@gmail.com

Introdução

Embora o livro de Jó seja primeiramente considerado um tratado teológico a respeito do mal e do sofrimento humano, não podemos esquecer que esta é, antes de tudo, uma criação literária onde os autores exprimem sua opinião pela boca de Deus ou através de Jó, usando em certa medida um teor irônico.

A capacidade de reconhecer a presença dos pobres dentro de uma leitura política, onde Jó pode ser interpretado como um protesto contra as leituras oficializadas da Bíblia, torna-se um importante salto Hermenêutico para os questionamentos que a teologia precisa sempre fazer a respeito de seu papel na organização social e sobre quais sujeitos estão por trás de sua construção.

Os caminhos traçados pela teologia da retribuição e a economia de retribuição são bastante semelhantes em seus aspectos metodológicos, pois aqueles que desejam a “boa vida”, devem suportar pacientemente sua má sorte, para evitar cair em pecado. Ao estudar o livro de Jó, pretendemos, portanto, observar, uma teologia que se preocupa com a história humana e tenta ressignificar o sofrimento e a dor, sem o peso dos sacrifícios que mantém vivos os esquemas de retribuição em troca do silêncio e da conformação.

Situando o livro

O livro de Jó compõe o cânon Massorético na parte dos *Ketubim* (escritos). Sua redação contém elementos típicos da literatura Sapiencial, que também estão presentes nos livros de Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Ben Sirac e Sabedoria. Por outro lado, há em sua composição uma variação em poesia, prosa, lamento, diálogos e contestações que tornam sua estratigrafia literária bastante diversa (SCHWIENHORST-SCHÖNBERGER, 2003, p. 291-305).

O fato de que o Livro de Jó surge no Cânon massorético depois do Livro de Salmos e antes de Provérbios, iniciando a coleção dos *ketubim* e ao mesmo tempo, marcando sua posição de destaque na composição sapiencial, faz dele uma importante chave de leitura para todo o contexto canônico dos escritos. No texto massorético, a saída para o drama de Jó se faz na interpretação de Provérbios, onde a vida simples e honesta do justo é resultado da verdadeira sabedoria (GALLAZZI, 2005, p.34).

Pautado pela legitimação da Teologia da Retribuição, os diálogos entre Jó e seus amigos desenvolvem, entretanto, a contraposição entre a pura obediência com inquestionável submissão, *versus* uma rebeldia indomável produzida pela experiência do sofrimento.

Estrutura

A divisão do livro pode ser compreendida em um contexto geral, por três partes: I Prólogo (1-2); II Seção de diálogos (3-42.6); III Epílogo (42.7-17). Seu tema principal trata da questão do mal e do sofrimento do justo e inocente, realçando a questão mais profunda da religião: A natureza da relação entre o homem e Deus. Portanto, o livro de Jó se estrutura em torno das preocupações relativas ao direito e à justiça, bem como, dos questionamentos pela origem do sofrimento e as consequências do mal sobre o ser humano.

Parece evidente que neste longo processo redacional em que se formou o livro, sua construção literária apresenta algumas possibilidades de leitura que abrangem não só o contexto teológico, mas também trata das questões antropológicas, religiosas e políticas (KNAUF, 2010, p. 610-611).

O livro de Jó apresenta-se como uma espécie de quadro, onde a moldura redigida em prosa subdivide-se em duas seções: um prólogo (1-2) e um epílogo (42.7-17). Um conjunto de diálogos que se estabelecem entre Jó e seus amigos, formam o núcleo do texto, que se desenvolve em versos, promovendo um tom poético a esta parte principal do livro (3.2 - 42.6).

Assim, o entorno desta narrativa está marcado em seu início pelo relato da fé e piedade rigorosa de Jó, acompanhado de testes promovidos pelo conselho divino que aprovam sua fidelidade (1-2). A partir de então, abre-se uma seção de diálogos divididos em debates (3-27), onde cada intervenção de Jó é seguida de uma contestação de alguns de seus amigos, o verso 28 fecha esta parte com um discurso à sabedoria promovido por Jó. Em seguida, Jó sustenta sua inocência relembrando seus atos de piedade e propõe um desafio a *`elohim* para que lhe dê uma resposta (29-31).

É curioso notar que a partir deste ponto, abre-se um novo discurso desenvolvido por *Elibu*, um quarto amigo, que surge fazendo uma abordagem diferenciada, retomando as afirmações do próprio Jó (33.8-11.13; 34.5-9; 35.3) e rejeitando-as. Com aspecto claramente secundário, a chegada de *Elibu* separa o desafio lançado por Jó e a resposta de Javé que só acontecerá no capítulo 38. Por apresentar uma estrutura diferente do conjunto, parece-nos que o discurso de *Elibu* pode ser visto como uma interpolação ortodoxa, com a finalidade de corrigir a mensagem (UEHLINGER, 2010, p. 205-206).

No epílogo, duas cenas propõem o fechamento da narrativa com o veredicto divino sobre o julgamento dos três amigos de Jó (42.7-9) e a retribuição da honra e das riquezas a Jó em proporções generosas (42.10-17), como recompensa por sua perseverança diante do sofrimento.

A redação do livro de Jó passa, portanto, por processos que tornam evidentes as inserções feitas ao relato original, deixando perceptível a mão

de um Editor ou mesmo de vários copistas. Estas divergências tornam bastante difícil uma datação para o texto, porém, a crítica explícita à Teologia da Retribuição que transparece em boa parte do livro, nos dá pistas de uma redação pós-exílica (a partir do V séc. a.E.C.), onde a nação Israelita experimentava profundas crises de ordem político-religiosa.

Composição literária

Sua composição está bem próxima de uma série de textos paralelos do Antigo Oriente, que abordam os mesmos problemas, de diferentes formas e ênfases temáticas distintas. Há suspeitas de que tais eixos tornaram-se conhecidos pelos autores do livro de Jó, a partir de influências cananeias. A caracterização de um Jó não Israelita poderia ser reflexo ou até mesmo indício desta circunstância (SCHWIENHORST-SCHÖNBERGER, 2003, p. 296).

O relato de Jó, enquanto situado na terra de *Uş*, ao sul de Aran (cf. Gn 10.23; Lm 4.21), designava os habitantes dos territórios edomita e árabe. Os seus amigos *Elifaz*, *Bildad* e *Sofar* são ligados respectivamente às cidades de *Tema*, *Şuah* e *Na'amati*, localizadas na região da Iduméia. Edom e os territórios do Oriente eram considerados pátrias da sabedoria (cf. Jó 1.3; Gn 36; Jr. 49.7).

Diante deste quadro, percebemos a marcante influência da Literatura Sapiencial Mesopotâmica em Israel e em todo o Oriente Próximo. O hino de louvor a *Marduc*, deus babilônico, é um bom exemplo desta proximidade de lendas antigas com o Jó bíblico. Conhecido como o “Jó Babilônico”, o protagonista deste poema questiona porque seu deus permite que um fiel sofra tantas adversidades na vida. Os parentes e amigos o abandonam em sua enfermidade e surge uma dúvida que afeta sua fé: “será que o culto e a veneração aos deuses nada servem?” (OLIVEIRA, 2013, p 73-74).

Tal Poema, juntamente com outros textos antigos, deixa claro que a vida e as disposições de Deus são um grande mistério para a humanidade. Neste pano de fundo cultural no qual se formou a construção do relato de Jó, o reflexo de um contexto edomita pautado pelo ponto de vista da sabedoria, sobressai ao conceito religioso sacerdotal israelita.

Ênfases teológicas e seus efeitos na vida do povo

A sabedoria

Como já afirmamos, o livro de Jó tem uma posição de destaque na literatura Sapiencial. Diferente dos livros proféticos e históricos contidos na Bíblia, a sabedoria tem a peculiaridade de tratar temas comunitários onde o

leitor tem a possibilidade de reconhecer-se e reencontrar-se neles. As reflexões produzidas por tais textos trabalham o campo mítico tão essencial na elaboração de sistemas mais aprofundados dos temas relacionados à vida. Destes desafios constantes, nasce a sabedoria (QUEIROZ *et al.* 1993, p. 17-23).

Ao longo de sua história, Israel desenvolveu dois tipos de sabedoria que se influenciavam mutuamente. Uma era a sabedoria popular, produzida no meio da luta do povo em defesa da vida e estava muito presente na tradição familiar. A outra era a sabedoria considerada “oficial”, importada dos grandes centros de poder (OLIVEIRA, 2013, p. 70-80), presente nas cidades e nas administrações públicas. Era a sabedoria da corte, que buscava defender os interesses do Rei e do Estado.

Enquanto a primeira se fazia como uma espécie de patrimônio cultural na organização familiar e nos clãs, a segunda se identificava com o exercício do poder, onde o rei assumia a figura do sábio e conselheiro, ultrapassando o âmbito familiar, para atender às demandas da nação.

Alguns círculos sapienciais dedicados a cultivar a sabedoria popular que carregava essências de uma representação teologizada¹, no período pós-exílico, desenvolveram-se à sombra das representações oficiais da tradição religiosa Javista, caminhando exclusivamente no plano da religiosidade pessoal. Movendo-se em uma linha totalmente distinta, esta sabedoria popular não se preocupava com a história salvífica de Israel e nem com as imposições do Javismo oficial e sim com o âmbito da vida privada, amparada por uma teologia sapiencial de caráter espiritualista.

A teologia da retribuição na crise social

Aos moldes da Teologia da Retribuição, era inconcebível pensar em um Jó pobre e miserável, que simultaneamente fora justo e íntegro. A tese defendida pelos amigos de Jó de que o Justo não sofre, não padece, não experimenta provocações e nem opressões (4.6-8) era uma maneira de defender a teologia Sapiencial tradicional, mesmo que à custa do sofrimento humano (ROSSI, 2005, p. 53-55). São justamente nestes embates com seus amigos que Jó, a partir de suas experiências cotidianas, rechaça esta visão injusta sobre o destino do ser humano.

A teologização da sabedoria teve seu fundamento mais importante na crise social que se produziu a partir do V século, quando os ricos que compunham a aristocracia na administração persa aumentavam seus bens à custa

¹ Segundo ALBERTZ (1999) esta era uma espécie de representação tardia da tradição sapiencial Israelita (p.691).

da espoliação dos direitos dos pobres². A partir de então, começam a surgir questionamentos filosóficos e uma série de advertências sociais, provavelmente advindas da sabedoria egípcia (ALBERTZ, 1999, p. 693), que atravessa os textos do período pós-exílico, produzindo transformações teológicas significativas na postura sapiencial a respeito da riqueza e da pobreza.

Os escritos de Jó surgem em meio a este contexto, pois, enquanto o setor aristocrático, em plena posse de seus direitos, tirava proveitos e vantagens econômicas com a exploração dos mais pobres, outra postura levava o rico piedoso ao comportamento social de renúncia à exploração. Os ricos aristocratas eram classificados de forma injuriosa como *malfeitores* e os piedosos apareciam como uma antítese, tornando-se um reflexo fiel do estrato solidário da classe alta.

Os conflitos desenvolvidos neste período colocavam em dúvidas o esquema tão difundido da Teologia da retribuição (VAAGE, 1996, p. 89). A inter-relação entre religiosidade e atitude ética começa a ganhar força e caráter exortativo entre as comunidades.

Jó representa, portanto, o papel de um aristocrata religioso, que por reverses de fortuna e por enfermidades perde tudo: seus bens, suas posses, sua elevada posição social e até sua própria família, caindo no mais absoluto isolamento (Jó 19.13-15). Mesmo cumprindo de maneira exemplar seus atos piedosos.

Enquanto a crise social se tornava para a classe alta um negócio muito rentável, no caso dos *malfeitores*, e um problema ético social para os piedosos, os modestos trabalhadores que estavam envolvidos neste turbilhão de acontecimentos, viviam um crescente endividamento e a perda de propriedades que ameaçavam de forma autêntica sua real existência. Neste sentido, a crise social produzia na classe baixa uma profunda desesperança e alienação (ALBERTZ, 1999, p. 678), pois como seria possível confiar em alguém que se apresentava como solidário, mas estava a serviço da administração provincial persa?

A teologização da sabedoria, portanto, nasceu desta preocupação, da classe piedosa em responder de um modo mais eficaz às exigências morais que tinham que enfrentar no campo de sua atividade pública. O livro de Jó nos traz os fundamentos deste novo olhar, tratando de forma bem elaborada esta teologia personalizada da Sabedoria popular.

O pensamento e a conduta da classe alta estão bem expressos nos discursos dos amigos de Jó, caracterizando uma síntese peculiar entre o supremo ideal da formação do sábio e a religiosidade pessoal (ALBERTZ, 1999, p. 693). A pergunta de Elifaz a Jó a fim de consolá-lo, tem como pano de fundo

2 Sobre este tema ver SCHWANTES, Milton. O direito dos pobres.

uma profissão de fé enraizada na religiosidade e na perfeição da conduta:

*Acaso não é teu temor de Deus tua confiança, tua esperança e a integridade dos teus caminhos? Lembra agora: quem é o inocente que pereceu? E onde foram os corretos destruídos?*³ Jó 4:6,7

Se por um lado a pretensão era fundamentar a conduta prática de fé numa relação individual e confiante em Deus, garantindo um sentido ético para a religiosidade pessoal, por outro, havia um desejo de dar sentido mais profundo à ingênua Teologia da retribuição. A simples referência à realidade social expressa no livro de Jó era capaz de desmontar as injustas circunstâncias deste postulado teórico da retribuição.

De certa forma, o sofrimento do justo é interpretado no discurso dos amigos de Jó, como uma medida pedagógica de Deus que lhe impulsiona a avançar continuamente no caminho de sua religiosidade. Aceitar a correção de Deus com espírito humilde e aberto ao aprendizado (Jó 5.17 e 22.21) é, neste contexto, o caminho para poder abrir-se à atuação transformadora de Deus.

O livro de Jó é, portanto, um conjunto de testemunhos que tenta ressignificar uma realidade patente, pois os piedosos que desejavam satisfazer suas mais altas aspirações, na tentativa de prevenir o empobrecimento dos camponeses, mediante o empenho de sua riqueza, não eram recompensados pela retribuição divina. Ao contrário, tornavam-se também rebaixados em sua categoria social (ALBERTZ, 1999, p. 695).

A releitura de Jó em tempos posteriores, coloca-o como exemplo de uma atitude religiosa honrada, capaz de renunciar a toda queixa ou protesto desesperados, para entregar-se humildemente à vontade de Deus. A força e ao mesmo tempo a flexibilidade desta teologia de caráter personalista coloca Jó neste estado de resiliência diante das tragédias da vida.

Brota deste texto uma esperança escatológica que coloca sentido na vida para além da morte (Jó 14.15 e 19.26). Diante do fracasso de seu compromisso altruísta, os membros da classe alta chegaram ao convencimento de que a morte não significa o fim de uma relação pessoal com Deus, permitindo a reconstrução de novos significados para sua condição.

Por outro lado, é preciso reconhecer também um Jó que protesta e se faz rebelde diante do sofrimento e das relações de injustiça sentidas na própria pele. Jó deixa evidente que o sofrimento do pobre é uma realidade escandalosa que não pode ser sufocada e nem explicada pela teologia da retribuição, pois seria injusto acreditar em um Deus que dá riqueza a alguns e pobreza a outros.

³ Cf. ELLIGER; RUDOLPH, 1997. Tradução minha.

A economia da retribuição

É interessante notar que no livro do Jó, o econômico é sempre uma questão relacionada à ação de Deus, seja na posse de bens, nos filhos, o respeito dos outros e o reconhecimento social, o aspecto econômico torna-se sinônimo de uma vida tranquila abençoada por Deus. Portanto, falar de Deus é também falar de modelos econômicos, pois a crise vivenciada por Jó tem a ver com Deus, mas é uma crise de modelos econômicos.

O debate ainda não resolvido entre Jó e seus amigos, continua a levantar questões sobre quais opções de vida estão em jogo no livro de Jó. O êxito econômico será sempre um tema teológico que precisará passar pelo diálogo construtivo de modelos relacionados com a vida, com a possibilidade de se reproduzirem na releitura bíblica (VAAGE, 2005, p. 40).

O paralelismo evidente entre riqueza e integridade (1.1-3) mostra como ponto de partida, uma teologia voltada para a economia de retribuição que garante riquezas e bens para aqueles que se mantêm firmes e fiéis.

Bem aos moldes da teologia da prosperidade, a paciência e submissão de Jó diante de suas crises mais agudas, mostram a persistência do fiel e a face perversa de uma teologia que coloca o sacrifício como ponte para a bênção e restauração divina.

Vivemos hoje sintomas semelhantes. Seja em nossa teologia ou mesmo em nossa economia, presenciamos um apelo ao sacrifício, à paciência e à submissão a um novo sistema divino. Este novo deus que mercantiliza a fé, torna as pessoas presas a um sistema de trocas e de retribuição.

A esperança de uma “boa vida”, alimentada pela religião como um acontecimento restrito ao pós-morte, ocupa nas economias de retribuição, a crença de que se pode conquistá-la com o aumento do poder de consumo. Assim, o desejo, a avidez e o impulso pelo desenvolvimento de uma boa vida, conduz o ser humano em direção ao aperfeiçoamento econômico.

Aqueles que não conseguem este desenvolvimento e a satisfação de seu desejo por uma “boa vida” sentem-se frustrados e consequentemente culpados por sua própria frustração. Assim, o caminho da servidão é destinado ao pobre e este é sempre culpado por sua condição miserável.

Considerações finais

Se pensarmos em uma síntese para o livro de Jó, poderíamos supor, que este texto, de fato, representa uma crítica à sabedoria tradicional e à teologia oficial de seu tempo. A leitura subversiva de Jó, faz dele, hoje, uma voz de oposição e contestação liberal –racional a favor dos pobres.

As injustiças continuam acontecendo, respaldadas pela ética, pela moral e pela religiosidade oficial. Novamente, torna-se necessário traçar os caminhos

de uma antiteologia (ROSSI, 2005, p. 53-55) que nega a realidade escandalosa do sofrimento do pobre, frente ao domínio constante dos perversos.

É, portanto, a partir da periferia que a teologia ganha seu sentido prático, oferecendo critério reflexivo de humanização em diversas perspectivas, dando sentido à ética da libertação como um critério teológico que precisa desenvolver-se de forma lúcida e transformadora (GUTIÉRREZ, 1975, p. 24).

O livro de Jó é um texto que propõe uma discussão para além de Israel e de seu povo, é um texto que coloca homens e mulheres frente à sua realidade, que faz pensar o ser humano em sua dignidade e justificação diante de Deus.

Nosso desafio hoje é tentar entender o conceito da “Justiça de Deus” a partir de uma teologia libertadora que coloca em nosso contexto a possibilidade de questionar, mesmo diante de momentos de crise, o poder estabelecido, sem deslegitimar a possibilidade de outro mundo possível (Cf. KAHL, 2016, p. 73).

Referências bibliográficas

- ALBERTZ, Rainer. *Historia de la religión de Israel en Tiempos del Antiguo Testamento*. Vol. 2. Desde el exilio hasta la época de los macabeos. Madrid: Editorial Trotta, 1999
- ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm (eds.). *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. 5. Aufl. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- GALLAZZI, Sandro. El grito de Job y de su mujer. Quito, *RIBLA*, Quito, vol. 52, n. 3, p. 31-52, 2005.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teología da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- KAHL, Brigitte. Pablo y la Ley em la carta a los Gálatas. Nomos romano o Torá judía? In: HOFFMANN, Martin et al. *Radicalizando la Reforma: outra teologia para outro mundo*. San José: Sebila; La Aurora, 2016.
- KNAUF, Ernst Axel; GUILLAUME, Philippe. Jó. In: RÖMER, Thomas, MACCHI, Jean-Daniel, NIHAN Christophe (Orgs.). *Antigo Testamento: história, escritura e teologia*. Tradução de Gilmar Saint Clair Ribeiro. Rio de Janeiro: Loyola, 2010, p. 601-613.
- OLIVEIRA, Ivone Brandão. Sabedoria e vida. *Revista Eletrônica Ângulo*, n. 134, p. 70-80, jul/set, 2013. Disponível em: <http://www.unifatea.edu.br/seer/index.php/ângulo/ab out/aboutThisPublishingSystemf> [Acesso: 04/06/2019]
- QUEIROZ, Antônio Celso et al. *Sabedoria e poesia do povo de Deus*. Coleção tua palavra é vida. Rio de Janeiro: Loyola, 1993.
- ROSSI, Luiz Alexandre Solano. Los caminos de la teología y de la anti-teología en el libro de Job. *RIBLA*, Quito, vol. 50, n. 1, p. 53-55, 2005.
- SCHWIENHORST-SCHÖNBERGER, Ludger. O Livro de Jó. In: ZENGER, Erich (Org.). *Introdução ao Antigo Testamento*. Tradução de Werner Fuchs. São Paulo: Loyola, 2003, p. 291-305.
- UEHLINGER, Christoph. Gênesis 37–50: o “Romance de José”. In: RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN Christophe (Orgs.). *Antigo Testamento: história, escritura e teologia*. Tradução de Gilmar Saint Clair Ribeiro. Rio de Janeiro: Loyola, 2010, p. 195-214.

VAAGE, Leif. Desde la tormenta: el gemido de la creacion y la respuesta de Dios a Job. *RIBLA*, Quito, n. 21, p. 73-90, 1996.

VAAGE, Leif. Economía divina: tres modelos en el libro de Job. *RIBLA*, Quito, n. 51, p. 39-44, 2005.

Submetido em: 7-5-2019

Aceito em: 11-6-2019